





NOTICIA
DO
CUNENE

2816
11/15
B

Extracto d'uma communicacão feita á Sociedade de Geographia
de Lisboa, em sessão de 30 de julho de 1877

POR

LUCIANO CORDEIRO



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"
Tombo Nº 72.655
MUSEU LITERARIO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE J. H. VERDE
117 — Rua do Alecrim — 121
—
1878

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORÍGENES LESSA"
Lançóis Paulista - SP



Apesar de varias tentativas, o *Cuneni*, *Cunene* ou *Cunena* não está ainda completamente reconhecido nas suas origens, no seu curso e na sua fóz.

Ha até geographos estrangeiros, especialmente inglezes, que o suppõem descoberto apenas ha meio seculo, em 1824, pelo navio de guerra britanico *Espiegle*, capitão Chapman.

Nourse River, lhe chamam, determinando-lhe a disfarçada foz em 17.^o 25' de lat. S. e 11.^o 48' de long. O. de Greenwich.

Nós, porém, conheciamol-o já muito antes, creio até que se poderá affirmar que desde o seculo XVI.

No seculo XVIII com certesa que não sómente lhe sabiamos da existencia, mas o conheciamos tão de perto que lhe fixavamos a origem e lhe calculavamos o curso.

Luiz Candido Cordeiro Furtado relatando em 4 de outubro de 1785, de Benguella, o reconhecimento da Angra do Negro ou Mossamedes e fallando de certas inscripções encontradas na costa que se dilata para o S. indica uma em que o capitão José da Rosa Alcobaga, do patacho *Nossa Senhora da Nazareth*, registra em 4 de janeiro de 1765 a sua viagem para o *Cunene*.

E na sua formosa *Carta Geographica da Costa Occidental da Africa*, (entre 5.º e 19.º de Lat. sul) desenhada em 1790 e publicada em Paris por ordem de João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Torres, em 1825, Furtado traça-lhe com toda a segurança o curso superior, põe-lhe a origem, proximo de Sambos; marca-lhe numerosos tributarios: o Quando, o Calabe, o Cunhungama, o Cubango, o Cutato dos Ganguelas, — estou-me servindo da nomenclatura d'elle, — e só desde a entrada no Humbe Grande diz, ponteando-o: «o curso do Cunene é ignorado por aqui.»

Em 1787 Pinheiro de Lacerda dá já o Cunene como o rio maior entre o Zaire e o cabo da Boa Esperança; fallo nascer como affirmamos hoje em Candumbo (ou Canbuibo), *perto de Caconda*, engrossando com o Cubango e Cotado, atravessando os *sovados* de Lobando e Luceque a 30 leguas da origem, correndo depois para leste e entrando no Humbe mais 20 leguas adiante com uma largura de «200 toesas.»

«Eu o vi nascer» — diz elle — «do meio de um pequeno monte e sendo ali o seu cabedal duas telhas d'agua pouco mais ou menos, correndo elle para O. e O. S. O. a menos 20 leguas de distancia, é já tão rico que dá logar a ter ilhas no meio em que tem libatas como a do Sova Quimbungo das Quipuças, de um numeroso povo e não se passa senão em canoas.»

Em 1799 o governador de Benguella, Botelho de Vasconcellos, é egualmente minucioso: affirma que o Cunene nasce no Huambo, passa por Galenque, Caconda e Qui-lenques e vae entrar no mar no Cabo Negro, formando antes tres ilhas.

Não só, pois, nós conheciamos o Cunene muito antes do Cap. Chapman, e do seu companheiro Emery que em 1853 contava de memoria a descoberta do *Nourse River* mas não nos passára desaperecebida a sua importancia e começamos a estudar lhe o curso.

Nem tambem depois e até recentemente, deixámos de nos importar com elle e de ter a seu respeito indicações auctorisadissimas.

Em 1851, F. Galton tinha em Cudonga informação de

que os traficantes portuguezes iam,—onde é que elles não teem ido em Africa?— iam até á margem direita de um grande rio que corre ao N. do Ovampo e que entrando proximo do mar n'uma grande lagoa se esconde ou filtra pelo areial. O intelligente viajante prevê a immensa importancia que esta via pôde ter para a communicacão com o interior africano.

Em 1853, Magyar, um dos patriarchas das modernas explorações africanas, dá como Vasconcellos em 1799 ou Pinheiro de Lacerda em 1787, o Cunene nascendo nas serranias de Galengue, perto do nosso presidio de Caconda.

Em carta datada d'entre os Gambos, em 21 de março de 1853 e dirigida ao governador de Benguella, Ladislau Magyar diz:

«No paiz de Camba atravessei o caudaloso rio Cunene que tendo a sua origem nas serranias de Galengue, perto do presidio de Caconda, em seu curso de N. a S. S. percorre os paes dos Ambuellas, separando os estados de Molando, Cambá, Humbe e Donguena, do reino de Quanhama, e depois d'engrossar com os seus affluentes, sobre um solo areiento, leva as suas aguas placidas pelo paiz das Mucimbas e ao S. do Cabo Negro entra no mar Atlantico.

Em 1855, um explorador inglez que percorre a costa em busca de guano ou nitrato de soda, William Messum, considera o Cunene de uma consideravel extensão; supõe lhe a origem em uma cadêa ou n'um systema de lagos do interior d'esta parte da Africa; inclina-se a crer que uma lancha poderá subir por elle até ao lago Ngami e refere todas estas indicações originaes á informacão de um portuguez que viera a pé de Moçambique a Benguella.

* * *

Terminarei este ligeiro registro, que não é mais do que recapitulacão de factos que andam dispersos em varias publicações e especialmente nos *Annaes do Conselho Ultramarino*, com duas indicações importantes, de portuguezes

ambas, uma que lança definitiva luz sobre a grande importancia d'aquella via fluvial e outra que representa o primeiro ensaio de um reconhecimento methodico e especial d'ella.

Em 13 de março de 1854, escreve de Mossamedes um intelligente e corajoso homem, que como tantos outros bem merecia que se lhe não esquecesse o nome quando se falla dos exploradores da Africa Austral, o sr. B. J. Borchado, que o Cunene deve ter a sua foz entre 17.º a 18.º de latitude S., segundo a sua direcção no interior, porque tendo a nascente em Galengue no sertão de Nanno e banhando as tres terras do Humbe, 30 a 40 leguas proxima-mente no interior da costa e que devem estar situadas por 16.º a 16.º 30' de lat. S., caminha sempre a rumo S. O. e S. S. O.

«A ser o mesmo rio, como creio,—acrescenta elle,—e que offereça entrada a embarcações ao menos pequenas, sem cataractas, cachopos ou tropeços de igual natureza, até essas 30 ou 40 leguas do paiz indicado, *d'ahi ávante posso asseverar ser navegavel por 60 ou mais leguas em tempo de secca* por embarcações do tamanho de lanchas, mas de construcção especial para esse fim, e em tempo das aguas (desde janeiro a maio ou junho) pela abundancia d'ellas por outras de maior lote.»

«A exploração d'este rio é indubitavelmente necessaria, não só porque possui um bello clima e fertilissimas margens, mas tambem porque no paiz que banha, se encontram todas as proporções para poder tornar-se dentro de poucos annos em uma rica provincia.»

Ainda que no curso inferior se dê a hypothese da existencia de cachoeiras e tropeços que prevê Borchado, e que a sciencia e a industria moderna fossem impotentes diante d'esses embaraços naturaes d'um curso d'agua em perfeito estado de primitiva selvageria,—deixem diser assim,—uma fracção de 60 leguas de curso limpo e facil, no interior, representaria já notabilissimas vantagens.

Finalmente em 1854, Fernando da Costa Leal, aquelle corajoso e illustrado official tão prematuramente perdido para a geographia africo-portuguesa, empreendeu, sendo governador de Mossamedes e em companhia d'alguns pa-

trioticos e dedicados cidadãos, a exploração e o reconhecimento regular do Cunene, ao qual se lembrou de mudar inutilmente o nome indigena em rio dos Elephantes.

Estava-se ainda na estação da secca e a expedição verificando o desaguamento ou terminação do rio em 17°, 15' de lat. austral, como assignalára Chapmam, encontrou a foz tapada por alto comoro de areia que dividia do mar o rio, o qual se infiltrava por elle. Comtudo, segundo Leal, este banco d'areia é roto ou transposto pelas aguas na occasião das enchentes, o que explica a informação de Emery de haver penetrado no rio, até umas 15 milhas do seu curso, em um escaler da *Espiegle*, e é confirmado por investigações posteriores.

Segundo o respectivo relatorio e documentos annexos, o Cunene tem a sua origem no Nanno ou Nane; divide os paizes de Molondo, Camba e Humbe que ficam na margem esquerda, e corre a leste. Os povos que além do Humbe habitam as margens e que são os Muinbas e Mussimbas, são chamados,—diz o documento official e logo veremos que diz mal,—por aquelle facto, povos do Sol, entre o gentio. Depois volta sobre o poente e vem terminar na latitude indicada.

Em consulta ao governo, por parte do conselho ultramarino, a 12 de junho de 1855, sobre o estabelecimento do Porto de Pinda,—documento recommendado ao governador geral de Angola por portaria de 22 de junho do mesmo anno, se fazem varias considerações acerca das vantagens d'aquelle estabelecimento, entre as quaes avultam a de attrahir ao commercio do litoral portuguez os povos do valle do Cunene e do paiz de Ovampo, e os Mucuanallas que habitam entre o Cunene e o Cubango e que se diz possuirem ricas minas de cobre, acrescentando-se as seguintes resoluções:

«Que o governador geral deverá faser concluir a exploração do rio Cunene, desde o Humbe até áquella parte do seu curso que foi reconhecido pelo capitão Costa Leal. *E tambem convirá que ulteriormente faça concluir a exploração do curso do rio Cubango.*

«Que havendo Bernardino José Brochado, residente em Mossamedes, informado o conselho ultramarino, em data

de 13 de março de 1854 de que, por conhecimento proprio, sabe que o Cunene é navegavel em tempo de secca por embarcações de tamanho de lanchas, mas de construcção especial para esse fim, pelo longo espaço de mais de 60 leguas e sendo esta circumstancia, no caso de se verificar, da maior conveniencia para o commercio e para que se possa estabelecer com segurança e facilidade a influencia portugueza sobre os povos das duas margens do mesmo rio, deverá por isso o governador geral fazer examinar até que ponto é exacta a informação de Brochado; e no caso de se verificar o que assevera, convirá sem duvida, examinar quaes são os pontos nas margens do rio em que seja mais util para o Commercio e para o exercicio d'aquella influencia, a fundação de feitorias fortificadas, onde os negociantes possam, com segurança, depositar as suas mercadorias e a cuja protecção os indigenas se possam acolher por occasião dos ataques frequentes que as diversas tribus se fazem mutuamente...

«Que achando-se ser navegavel o Cunene, como se diz, seria da maior conveniencia estabelecer n'elle um serviço de barcos que o percorressem regularmente, para em certos pontos se effectuarem transacções commerciaes com os nativos.»

Desgraçadamente, ainda vinte e dois annos depois, temos de aconselhar e pedir o que indicava com tanta rasão o conselho ultramarino!...

Um nosso illustrado collega, larga e experientemente conhecedor da nossa Africa austral, o sr. Antonio Francisco Nogueira, este distinctissimo e modestissimo advogado dos nossos interesses coloniaes, teve a bondade de communicar-me varias correções ás indicações antecedentes e varias noticias novas, que eu devo intercalar aqui. Eis o que elle me escreve:

«Cunene quer diser «grande» ou «o grande», e é o unico termo com que aquelle rio é conhecido no interior de Mossamedes.

«O Cunene nasce effectivamente entre os estados ou *sorados* do Oambo e Gallangue, perto de Caconda; passa pelos do Lubando e Luceque, mas não por Quillengues e Caconda como diz o governador de Benguella, Botelho de

Vasconcellos, e ao chegar ao Humbe não tem tanta largura como lhe assignala P. de Lacerda, a não ser na occasião das grandes cheias, em que transbordando sobre as duas margens póde alcançar as 200 toesas e até mais, em alguns sitios mais planos.

«O maior affluente do Cunene é o Cacul-Balle (litteralmente: *velho Balle*), rio que depois d'atravessar os Gambos e o Humbe se lhe vae reunir n'este ultimo ponto. O Cubango, como V.—sabe, *ou é o Coquema e fórma a parte superior do curso do Chobe, indo entrar no Zambese, ou com aquelle ou com outro nome vae desaguar no lago Ngami, o que está ainda por averiguar.*

«Apesar tambem do que diz Magyar, negociante hungaro que conheci na Camba em 1852 e depois nos Gambos em 1853, o Cunene não separa as terras do Humbe do reino do Quanhama; separa, mais propriamente as terras dos Ban-Kumbi, compreendendo os estados de Kumbi, Camba e Mullondo, dos Bana-Cutuba, entre os quaes estados se encontra o do Quanhama. Aquelles ficam na margem direita do rio (e não esquerda) que lhes serve de limite ou fronteira natural pelo E. e estes na margem esquerda, porém mais desviados. D'estes estados o Quamatim é o que fica mais perto do Cunene. A distancia do Humbe, ou Kumbi, a Mossamedes é de umas 90 leguas passando pelos Gambos, mas seguindo o curso do rio a distancia á costa deve ser de umas 60 leguas.

«Os povos que partindo do Humbe e seguindo o curso do Cunene se encontram na sua margem, não são os muimbas e sim os Ban-Dongoena, os Ba-Hinga, e os Ba-Simba ou Ba-Ximba que se não devem confundir com aquelles.

Os muimbas, ou Ba-Imba (gente da Imba) são uns povos antigamente independentes e hoje aggregados aos Ban-Kumbi e aos Ban-Gambue de quem acceitaram o dominio, em consequencia das continuas guerras que estes lhes faziam.

«Aos Ban-Dongoena e aos Ba-Hinga, raça mixta de Ba-Ximba e de Ba-Kumbi, é que se dá o nome de *Ba-Solle* ou gente de Solle, o que de fórma alguma quer dizer: «gente do sol,» apesar da semelhança do termo.

Sol tem o nome de *kumbi* ou *ékumbi*, e a luz que d'elle dimana: *mutenha*.

«Povos do sol, se poderia diser com mais visos de propriedade dos Ban-Kumbi, mas confesso que nunca ouvi a estes idéa alguma em tal sentido.

«Parece-me antes que *Kumbi*, quanto a terra, terá outra significação.

«O auctor d'aquella traducção livre e que assim a transmittiu ao governador Leal, foi um homem que eu conheci em Mossamedes, hoje fallecido, e que por não saber bem a lingua, se deixou indusir em erro pela semelhança dos dous termos.»

A expedição de Leal tomou como base de operações a Bahia dss Tigres (a *Great fish Bay* das cartas inglezas), um ponto importantissimo e provavelmente de largo futuro commercial quando se tractar de entregar aquella parte da Costa á colonisação e exploração europea, devidamente organisada e dotada. No curso de 21 millas que a expedição percorreu, rio acima, apresenta-se este, tortuoso, estreito e cheio de cachoeiros que poderiam destruir-se; a margem esquerda formada de grandes morros d'arcia, fornece grosso contingente á obstrucção da foz. Na direcção N. S. levanta-se uma cordilheira que não chegou a ser reconhecida, mas que um dos expedicionarios e notavel conhecedor d'esta parte da Africa, o sr. Antonio Accacio de Oliveira Carvalho, suppõe ser uma ramificação da Xilla.

«Contudo, é preciso advertirmos»,—observa o sr. Nogueira,—«que no tempo das cheias, que se devem dar de janeiro a abril ou maio, a elevação das aguas deve ser tal que a navegação do rio deve então ser possivel, senão facil pelo menos, em pequenas embarcações e até uma certa distancia como parece confirmal-o a narração do capitão Emery que diz «lembrar-se perfeitamente de ter penetrado n'elle em um escaler do *Espiegle* com o capitão Chapman até umas 15 millas para o interior, não vendo obstaculo algum que possa embarçar um pequeno vapor.»

«E note-se, que as noticias que dá do ponto onde diz ter desembarcado, concordam com as que constam do relatório do governador Leal.

«É portanto este um ponto, como se vê, ainda por averiguar.

«Emquanto á fertilidade dos terrenos que ali podem ser

encontrados, notaremos que mesmo no espaço decorrido, as margens do rio não puderam ser sempre convenientemente examinadas, tendo a expedição de se afastar d'ellas durante quatro e meia horas de marcha, em consequencia dos obstaculos que nos logares mais proximos se lhe offereciam e que á medida que ella mais se ia adiantando, a vegetação se mostrava mais desenvolvida e os rastos e outros indicios de differentes animaes eram cada vez em maior numero, tendo encontrado, até ao ponto extremo a que chegou, oito elephants além de «grande quantidade de corças, penelopes e cabras,» do que o governador Leal conclue que «nas margens do rio, mais para o interior do paiz, é onde presistem as grandes manadas de elephants» e por conseguinte as grandes e espaçosas mattas em que aquelles animaes costumam habitar.»

Vem aqui a proposito citar uma tentativa de exploração recente, que é quasi inteiramente desconhecida, e que apesar da sua nulla importancia merece entrar no registro dos esforços corajosos.

Foi o nosso illustrado consocio, ainda, o sr. Nogueira, que m'a communicou, e foi elle tambem que a registrou primeiro do que ninguem, n'um formoso artigo, publicado no *Cruzeiro do Sul*, de 1875, n.º 138. É a tentativa d'um desconhecido francez, A. Laurem, que tendo partido da Bahia dos Tigres a explorar o Cunene, parece ter sido assassinado na foz d'este.

Segundo os breves apontamentos da sua carteira, encontrada junto do cadaver, o rio apresentava n'aquella occasião duas barras divididas por uma insula d'areia: a do N. estava fechada pelo areal e a do S. aberta e praticavel. Era pouca a agua. Acontecia isto nos principios de dezembro: estação seca. Caminhando algumas horas para o N. o rio apresentava uma milha aproximadamente de largura de dois a tres metros de agua. Este fundo era naturalmente tomado na margem, porque Laurem não possuia meio de navegar n'elle para fazer outras sondagens.

* * *

Realmente, quando todas as indicações nos dão o Cunene como a mais importante formação fluvial d'esta parte

da nossa Africa, aproximando-se no seu curso superior d'aquella quasi inteiramente desconhecida zona que parece ser mãe do principal systema hydrographico da Africa Austral do lado do O., onde vëem beber as primeiras aguas o Quanza, talvez o Quango, o Cassabi, o Cubango, etc.; — atravessando uma região fertilissima até ao Humbe ou até á facha montanhosa, provavel ramificação da Xilla, que deve frontear a região do litoral; — facilmente navegavel em grandes extensões; — abrindo o rico sertão do Nanno e o Humbe á exploração economica; — nascendo proximo d'um ponto de velha occupação portugueza, na região sadia, quasi temperada e agricola da Caconda; — correndo quasi sempre em territorio da nossa soberania africana, da qual, embora ella se estenda mais para o sul do que a paralella da sua foz, é por assim dizer o limite natural, commercial e estrategico (*): — o seu reconhecimento completo, a sua definitiva determinação geographica, o estudo das suas aptidões de aproveitamento mercantil, são d'uma necessidade imperiosa e podem representar notabilissimas vantagens para a nossa occupação, colonisação e exploração africana.

«Possuidores ha mais de tres seculos» — escreve o nosso consocio Nogueira, — «d'estes paizes, e com uma villa e outros estabelecimentos fundados a tão pequena distancia, era tempo de termos, ao menos, a curiosidade de saber os cantos da nossa casa.

«Ha ali, com toda a certeza, uma região immensa e fertilissima, banhada por um rio ao menos até uma certa distancia e em alguns mezes do anno navegavel; o clima deve ser mais saudavel do que em Mossamedes; e ainda que essas terras fiquem a 10, a 12, a 15 leguas do litoral (Capangombe fica a 21 de Mossamedes) ainda assim, nas condições que se nos antolham, essas terras devem offerer vantagens superiores a quaesquer outras pela sua situação especial. Só a idéa de se poder estabelecer ali una

(*) Em 1846 escrevia Lopes de Lima: — «Estes presidios de Mossamedes, Huila e Caconda com communicações faceis entre si, podem muito bem proteger o commercio interno e defender toda a fronteira do Sul...»

linha contínua de propriedades agrícolas, servindo de pontos de comunicação até ao Humbe, nos devia decidir pela sua ocupação desde já. Que immenso desenvolvimento para o commercio e para a agricultura, podendo ali ser estabelecidas em tão largas escalas?

«E ao sul do Cunene o que haverá?...»

É um homem largamente educado no estudo e na experiência da nossa Africa occidental, que diz isto. Dizem-n'o todos os que de longe ou de perto, arrostam com o gravissimo problema da manutenção da nossa soberania no grande Continente.

É tempo de citar um outro nosso consocio, igualmente conhecedor e igualmente dedicadissimo advogado dos nossos interesses africanos, o sr. Pinheiro Bayão, a quem pertence na Sociedade de Geographia a prioridade da idéa de uma exploração do Cunene, e que tendo, insistente e largamente pugnado por ella, aqui e na imprensa, julgou dever fechar a propaganda do seu estudo e do seu auctorizado juizo com a chave d'ouro da sua patriótica dedicação, offerecendo-se, como eu me considero auctorizado por elle a annunciar que se offerece, para ir tentar a exploração que propõe.

As naturaes preocupações d'uma exploração de mais largas proporções que nos pozesse de vez na vanguarda do geral movimento africano e que mirasse a arrostar com os instantes e grandiosos problemas propostos á investigação e ao esforço do mundo geographico pelas ultimas explorações da Africa Central, a par dos trabalhos de organização e economia interna da Sociedade tem feito addiar, que não esquecer, a idéa d'aquelle nosso confrade, idéa que o mesmo é enuncial-a que captar a adhesão de quantos comprehendem os nossos deveres coloniaes e se interessam pelo futuro do nosso dominio africano.

É chegado, porém, o momento de lhe dar o deferimento e a sanção; de nos empenharmos vigorosamente na realisação d'ella.

A exploração do Cunene offerece condições de relativa facilidade e economia de organização, que julgo escusado recordar.

Aos exploradores ou ao explorador escolhido deverá na-

turalmente ficar a resolução dos meios praticos de a realisar. Não é no gabinete, — fôra pueril pensal-o, — que póde determinar-se o itinerario a seguir em explorações de desconhecido sertão.

No gabinete formula-se o problema. A prudencia, ao criterio, á experiencia do explorador fica o processo de o resolver, processo que só as condições e as circumstancias locais podem ir determinando.

Convirá tentar a exploração a partir do littoral, ou realisal-a descendo do interior?

Creio que no caso sujeito, como geralmente em casos analogos, a segunda hypothese offerece melhores condições. Mas não hei de ser eu que o diga. Querendo tomar Caconda como base da exploração, a região que medeia entre Benguella e o Presidio offerece um vasto campo de interessante estudo.

O nosso chamado concelho de Caconda, que em 1799 tinha uns 138 k. de comprimento e mais de 99 de maior largura, estava em 1861 reduzido á dominação effectiva de 44,k408 por 27,k755, e é um dos mais ricos e importantes dominios no interior, quer pelas suas largas aptidões agricolas e colonisadoras (*), quer pelas suas relações topographicas. O presidio está na altura de 14° lat. S. ; a 333,k300 de distancia de Benguella, e foi fundado em 1682.

(*) Já em 1846 escrevia Lopes Lima: — «É este territorio, segundo a opinião unanime de quantos o teem visitado em todos os tempos, o mais saudavel de toda a Africa occidental e tão semelhante em clima ás terras da Europa, que n'elle produz excellentemente o trigo, a ervilha, a figueira, a vinha e todos os grãos, legumes e fructas de Portugal, sendo regado de muitos rios que descem dos visinhos *nannos*.

«A este ponto concorre immenso commercio não só do seu vasto districto, como tambem do de Humbo, Gallengue e Sambos com que confina a leste e tambem das mais orientaes terras do Hume...

«Já se vê, pois, que a humanidade e a politica aconselham que se escolham para aquella guarnição e para a Huila, quasi igual na salubridade, soldados brancos que lá viverão perfeitamente e imporrão o necessario respeito áquelle gentio boçal, que não usa pela maior parte armas de fogo, e ao mesmo tempo se conseguirá dar incremento ao *crusamento das raças tão necessario n'aquelles dominios.*»

Esta opulenta região, uma das poucas zonas africanas talvez, onde a população branca poderia fixar-se pela procreação própria e pelo trabalho directo, poderia ser a vanguarda da conquista civilisadora que ligasse as nossas duas costas pela exploração segura e completa do sertão inter-medio.

Em qualquer caso e sob qualquer aspecto que se considere, o reconhecimento do Cunene tem uma importancia de primeira ordem.



